

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

ROSIMEIRE BRAMBILA ESTEVO

**A INFLUÊNCIA DO NOBRE NA FORMAÇÃO DO BURGUESES NO
SÉCULO XII: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA E DA
LITERATURA**

**MARINGÁ
2012**

ROSIMEIRE BRAMBILA ESTEVO

**A INFLUÊNCIA DO NOBRE NA FORMAÇÃO DO BURGUEZ NO
SÉCULO XII: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA E DA
LITERATURA**

Artigo apresentado como requisito parcial para
a conclusão do curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Maringá.

Orientação: Prof^a Dr^a Terezinha Oliveira.
Coordenação: Prof. Ms^a Aline Frollini
Lunardelli Lara.

MARINGÁ
2012

ROSIMEIRE BRAMBILA ESTEVO

**A INFLUÊNCIA DO NOBRE NA FORMAÇÃO DO BURGUEZ NO
SÉCULO XII: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA E DA
LITERATURA**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Terezinha Oliveira (orientadora - UEM)

Prof^a Ms^a Meire Aparecida Lóde Nunes (doutoranda – UEM)

Prof^a Ms^a Paula Carolina Teixeira Marroni (doutoranda – UEM)

MARINGÁ
2012

RESUMO

Este estudo teve como propósito analisar como os senhores feudais colaboraram para que o artesão ampliasse seus conhecimentos e suas relações sociais, por meio de exigências de uma vida cada vez mais requintada. Essa mediação social entre os senhores e artesãos foi investigada por intermédio da literatura. Nesse estudo analisamos em que medida o romance cortês sensibilizou e possibilitou o surgimento de novos hábitos naquela sociedade, relacionando as mudanças comportamentais com o processo educativo. Assim, estudamos, de acordo com a história e com a literatura, como o estreitamento das relações entre os senhores e os habitantes dos burgos alterou o comportamento de ambos os segmentos sociais nas recém cidades do século XII. Nosso texto é norteado por escritos de Chrétien de Troyes; François Guizot e Jacques Le Goff. Além desses autores, analisamos outras obras contemporâneas que versam sobre o assunto. Em relação aos pressupostos teóricos, destaca-se que seguimos os caminhos da história social, pois acreditamos que esta concepção possibilita o diálogo entre a educação, a literatura e a história.

Palavras-chave: História da Educação Medieval. Burguês. Romance Cortês.

ABSTRACT

This study aimed to analyze how the feudal lords collaborated to broaden the knowledge of craftsmen and their social relations, through the requirements of a increasingly refined life. This social mediation between masters and craftsmen was investigated through literary sources. In this study we analyzed the extent to which the courtly romance sensitized and allowed the development of new habits in the society, relating behavioral changes with the educational process. Therefore, we studied, according with the history and literature, how the narrowing of relationships between lords and inhabitants of burgos changed/influenced the behavior of both social segments in the newly sprung cities of the twelfth century. Our text is guided by Chrétien de Troyes; François Guizot e Jacques Le Goff. In addition to these sources, other contemporary works, which deal with the subject were analyzed. Regarding theoretical assumptions, we followed the paths of social history, once we believe that this conception makes possible the dialogue between education, literature and history.

Keywords: History of Medieval Education. Bourgeois. Courtly Romance.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. OS NOVOS HÁBITOS DA NOBREZA EVIDENCIADOS NA LITERATURA	7
3. RENASCIMENTO DA VIDA URBANA	11
4. AS MUDANÇAS COMPORTAMENTAIS E O PROCESSO EDUCATIVO	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
6. REFERÊNCIAS.....	20

1. INTRODUÇÃO

Neste estudo buscamos relacionar os fatos históricos do século XII e as questões evidenciadas nos *Romances da Távola Redonda*, procurando compreender os novos hábitos daquela sociedade, os quais favoreceram para o renascimento das cidades e a mudança de comportamento daqueles homens. Procuramos compreender como essas questões influenciaram no processo educativo da sociedade.

Nosso objetivo foi analisar como os senhores feudais colaboraram para que o artesanato ampliasse seus conhecimentos e suas relações sociais por meio de exigências de uma vida cada vez mais requintada. Investigamos se o romance cortês sensibilizou e possibilitou o surgimento de novos hábitos na sociedade.

Para tanto, estudamos os escritos de Chrétien de Troyes (1135-1190), poeta e trovador francês do século XII; François Guizot (1787-1874), historiador francês, medievalista e político do século XIX, Jacques Le Goff, historiador medievalista contemporâneo e outras obras contemporâneas que versam sobre o assunto.

Troyes viveu no período estudado e nos apresenta, por meio dos *Romances da Távola Redonda*, os novos hábitos dos senhores feudais. Constatamos em nossas análises que a literatura reflete o momento histórico em que aqueles homens estavam vivendo, os novos comportamentos e atitudes, que favoreceram, diretamente, o renascimento das cidades e do comércio.

Para compreendermos a história estudamos a ‘Sétima lição’, uma das unidades da obra *História da Civilização na Europa*, escrita por Guizot, na qual ele compara a situação das comunas nos séculos XII e XVIII, explicitando as diferenças existentes entre elas e a burguesia nesses dois períodos. Lemos, igualmente, o livro *Mercadores e Banqueiros*, no qual Le Goff considerou o burguês em sua atividade profissional, papel social e político, atitude religiosa, moral e, por fim, em seu papel cultural.

No decorrer de nossa pesquisa pudemos compreender o processo histórico do século XII, que contribuiu para que as cidades voltassem a ser povoadas e os fatos que proporcionaram esse renascimento.

Portanto, estudamos por intermédio da história e da literatura como o estreitamento das relações entre os senhores e os habitantes dos burgos alterou o comportamento de ambos os segmentos sociais no momento do renascimento da vida urbana no século XII.

Esta pesquisa alinha-se a História da Educação e para analisar nosso objeto de estudo seguimos os caminhos trilhados pela História Social, especialmente por escrito de Marc Bloch, medievalista francês do século XX, pois este autor nos mostra que há sempre permanências e rupturas entre presente e passado.

Nessa formulação pretensamente simples estava exposto o “método regressivo”: temas do presente condicionam e delimitam o retorno, possível, ao passado. Tal qual um “dom das fadas”, a história faria com que o passado retornasse, porém não de maneira intocada e “pura”. (BLOCH, 2001, p. 7).

Assim, o historiador deve estar ciente de que as fontes foram escritas de acordo com a visão de uma ‘pessoa’, por isso ela não é imparcial. Mas, todas as fontes sempre expressam uma dada visão de mundo, o que não as invalida como meio para se compreender a história.

De acordo com Bloch (2001) para entender o passado é necessário estar amparado por uma multiplicidade de técnicas e documentos. Isso se faz necessário devido à complexidade dos fatos humanos. Sendo assim, é importante que o historiador tenha uma direção e muitos questionamentos acerca do que analisar.

A história só é feita recorrendo-se a uma multiplicidade de documentos e, por conseguinte, de técnicas: “poucas ciências, creio, são obrigadas a usar, simultaneamente, tantas ferramentas dessemelhantes. É que os fatos humanos são, em relação a todos os outros, complexos. É que o homem se situa na ponta extrema da natureza.” Daí essa oposição: “É bom, a meu ver indispensável, que o historiador possua ao menos um verniz de todas as principais técnicas de seu ofício”. (BLOCH, 2001, p.27).

Para o autor, a história só terá sentido se relacionarmos o passado e o presente, sendo que o principal objeto de reflexão da história é o homem e suas ações. Neste sentido, nos possibilita entender o desenvolvimento humano no tempo, nos proporciona a compreensão de um determinado período histórico, da civilização e da sua cultura.

2. OS NOVOS HÁBITOS DA NOBREZA EVIDENCIADOS NA LITERATURA

De acordo com Guizot (2005), no século X, a sociedade feudal já se encontrava organizada, vivendo um período de grandes transformações sociais, o que proporcionou novos hábitos, modos e ações entre os homens.

No momento em que os senhores feudais começaram a ter condições materiais para cuidar da segurança de sua família, iniciaram a construção de castelos como forma de moradia. Os castelos isolaram os homens, dificultando o desenvolvimento das relações sociais, de caráter mais geral, porém, possibilitou o desenvolvimento da família e dos indivíduos.

Oliveira (1997) destaca que esses homens passaram, gradualmente, a substituir os costumes rudes dos guerreiros, por hábitos polidos.

Foi a vida nos castelos que possibilitou o estabelecimento de relações mais abrangentes entre os indivíduos. O castelo deu ensejo para que a vida adquirisse um aspecto mais refinado, que os homens se dedicassem mais à leitura, que se preocupassem mais com a forma de vestirem, de sentarem, de se relacionarem, enfim, que a rudeza dos hábitos dos guerreiros fosse substituída pelos hábitos da corte. (OLIVEIRA, 1997, p. 218).

Vemos, então, que a vida nos castelos precisava ser mais refinada, surgindo à preocupação com o modo de se vestir, de sentar e de se relacionar uns com os outros. Estas questões foram importantes, pois possibilitaram uma melhoria de vida no feudo.

No primeiro romance, *'Eric e Enide'*, da seleção de textos organizados sob o título *Romances da Távola Redonda*, de Chrétien de Troyes, pudemos evidenciar essa questão. Nele, o autor apresenta a descrição do personagem Eric, um valente cavaleiro da Távola Redonda, possuidor de muitas qualidades.

Em terra nenhuma seria possível encontrar mais belo cavaleiro, mais bravo e amável. Não tinha vinte e cinco anos e jamais homem de sua idade foi de tão grande coragem. [...] Airoso sobre seu corcel, vestia manto de arminho, cota nobre de seda jaspeada de Constantinopla, perneiras de seda brocadas. Ereto sobre os estribos, portava espada de ouro. (TROYES, 1991, p. 34).

Podemos observar que a preocupação dos nobres com uma vida mais requintada, com certo luxo e com hábitos polidos, é manifestada no romance.

Duby (1990) nos traz uma ideia do aspecto refinado que a vida do nobre estava adquirindo, por meio de um escrito datado de 1071, dos bens de Arnal Mir, senhor catalão.

[...] a casa do príncipe transbordando de tecidos, de peles, enumera as luvas, os chapéus, os espelhos, acessórios indispensáveis já que o senhor e seus próximos deviam apresentar-se enfeitados, e depois as luminárias, a baixela de metal precioso para a magnificência da sala, enfim os arranjos do quarto, elemento de um conforto mais íntimo, cuja peça essencial era o leito, “guarnecido”, como se dizia – e há toda uma eflorescência do vocabulário para distinguir os múltiplos componentes de seu equipamento, colchão, almofadas de penas, cobertas, tapeçarias, colchas. Essa decoração era exibida nos corpos, nas mesas, nas paredes, por ocasião das festas em que a família se mostrava em seu esplendor. (DUBY, 1990, p. 72).

Neste sentido, os senhores podiam demonstrar sua ostentação de grandeza, exibindo os objetos que possuíam. Todavia, para adquiri-los, era necessário um comércio para atender essas exigências por produtos cada vez mais requintados. De acordo com Guizot (2005) esse foi um dos motivos que favoreceu o restabelecimento do comércio e do artesanato nas cidades localizadas sob seus domínios.

Esses ‘desejos’ dos senhores por mais luxo, proporcionaram aos seus servos a oportunidade de novas relações sociais, tornando-os cada vez mais hábeis em seus ofícios, pois antes as trocas eram feitas no interior do feudo, com o aumento de circulação de mercadorias, esses homens passaram a ter contato com pessoas de outras comunidades.

No romance ‘*Cliges ou a que fingiu de morta*’, também, podemos evidenciar, o requinte da nobreza, pois Alexandre e seus doze companheiros são recebidos pelo rei Artur e por todos os barões com muita admiração.

[...] vendo bela e nobre juventude, com um ar que muito lhes apraz. Não duvidam que sejam todos filhos de rei e filhos de condes (e todos com efeito o eram)... Têm a beleza da juventude. São todos nobres e bem parecidos. E todos portam iguais vestimentas do mesmo tecido e mesmas cores. (TROYES, 1991, p. 80 – 81)¹.

¹ *Cliges ou a que fingiu de morta* é o segundo romance da seleção de textos organizados sob o título *Romances da Távola Redonda* de Chrétien de Troyes.

Podemos perceber que os jovens apresentavam uma norma geral de comportamento e beleza para a época, pois tinham os mesmos comportamentos e se vestiam da mesma forma. Essa questão nos remete à nossa sociedade atual porque nossos adolescentes exibem essa semelhança. Ao passearmos pelos shoppings, verificamos que eles expõem, em sua maioria, os mesmos gostos, comportamentos e atitudes. Assim, constatamos que se mantém uma norma geral em nosso tempo como no período de Troyes.

Outra passagem que representa a ostentação por produtos requintados é o momento em que Eric pede para a rainha Guinevere vestir sua noiva Enide.

A rainha conduz a donzela ao seu quarto e ordena que lhe tragam uma túnica nova e o manto da outra roupa transpassada, feita na exata medida de seu corpo. A serva traz prontamente o manto e a túnica, que até nas mangas era forrada de branco arminho. No punho e no decote haviam utilizado (não é adivinhação) mais de meio marco de ouro batido e pedras de grande valor: azuis, verdes, violeta e sépia. A túnica era de grande riqueza. Não menos valia o manto de tecido fino, tendo ao pescoço duas zibelinas com presilhas que pesavam cada qual pelo menos uma onça. De um lado cintilava um jacinto e de outro um rubi mais luzente que uma candeia [...] com um fio de ouro, as duas aias ornaram o cabelo louro; [...] na cabeça colocaram um aro de ouro lavrado de flores [...] ao pescoço passando duas fivelas de ouro Nigelado com engaste de topázio. (TROYES, 1991, p. 43).

Diante da descrição de Chrétien, percebemos que a rainha ordenou que trouxessem a melhor vestimenta e acessórios para Enide ser apresentada à corte, provocando grande admiração em todos os que estavam presentes. Desta forma, a beleza e a polidez eram fundamentais para as pessoas se apresentarem diante da corte.

A casa do nobre serviu como lugar de aprendizado para uma ‘boa’ educação e comportamentos polidos para se apresentarem diante daquela sociedade. Duby (1990) nos apresenta essa questão “[...] a casa nobre acolhia jovens, para formá-los. Era uma escola que ensinava aos rapazes bem-nascidos os usos de cortesia e de valentia, em que os filhos das irmãs do senhor, os filhos de seus vassallos vinham normalmente fazer seu aprendizado”. (DUBY, 1990, p. 78).

No romance *‘Cliges ou a que fingiu de morta’*, Chrétien começa narrando o desejo de Alexandre, filho do rei da Grécia, em ser cingido cavaleiro pelas mãos do rei Artur.

Caro pai, para aprender a honra, para conquistar glória e renome [...]. Irei apresentar meu serviço ao rei que reina na Bretanha, para que cavaleiro me faça. Asseguro, jamais terei armada a face, nem elmo na cabeça, antes que o rei Artur me cinja com a espada [...]. (TROYES, 1991, p. 78).

Seu pai oferece a coroa e a cidade de Constantinopla para que ele governe e também se propõe a torná-lo cavaleiro. Alexandre, no entanto, não aceita, pois, quer servir ao rei Artur, uma vez que esta corte tem grande renome e seus cavaleiros, cortesia e bravura.

Ele salienta que repouso e renome não combinam, pois seria cômodo permanecer no reino do pai e ser cingido cavaleiro. Mas, Alexandre queria essa conquista por seu mérito e esforço. Diante dessas considerações o pai o abençoa e permite sua partida para o reino do rei Artur.

Duby (1990) nos apresenta, em sua análise, o costume de os senhores enviarem os filhos para serem formados em outro lugar. Ele ressalta que esse procedimento era, em geral, para manter certa ordem na sociedade doméstica. “Era preciso então eliminar constantemente a cobiça e os rancores, reanimar sem descanso a “amizade”. Tarefa difícil em razão da rivalidade permanente de que a corte era o local da inveja dos mais novos em relação aos mais velhos [...]”. (DUBY, 1990, p. 87). Logo, essas trocas acabavam amenizando um pouco as intrigas.

No romance ‘*Eric e Enide*’, podemos evidenciar esse fato. Eric também era filho de um rei e foi ser educado no reino do rei Artur, tornando-se cavaleiro daquela corte. “Sou filho de um rei rico e poderoso. Meu pai é o rei Lac. Os bretões me chamam Eric. Pertencço à corte do rei Artur”. (TROYES, 1991, p.41). Podemos verificar que era hábito um reino ou uma ‘corte’ mandar seus rapazes para outros locais, com destaque para o reino do rei Artur, devido ao grande renome que sua corte e seus cavaleiros apresentavam.

Desta forma, compreendemos, por meio da literatura, que o nobre serviu de exemplo, influenciando na maneira de ser das pessoas, as quais buscavam novos comportamentos e honra para se apresentarem diante daquela sociedade que estava adquirindo outros hábitos.

3. RENASCIMENTO DA VIDA URBANA

Para Guizot (2005), quando as violências diminuíram por volta do ano mil, e um princípio de paz começou a se instaurar, as cidades tiveram a oportunidade de reurbanização, pois as incursões nômades haviam provocado desordem e levado às cidades antigas ao empobrecimento e despovoamento. “A barbárie, a desordem e a desgraça sempre crescentes aceleraram o despovoamento. O estabelecimento dos senhores nos campos e a preponderância nascente da vida agrícola tornaram-se, para as cidades, uma nova causa de decadência.” (GUIZOT, 2005, p. 34).

Quando a feudalidade já se encontrava instituída, as cidades recuperaram alguma força, como destaca Pernoud:

A partir da altura em que cessam as invasões, a vida transborda os limites do domínio senhorial. O solar começa a não se bastar mais a si próprio; toma-se o caminho da cidade, o tráfego organiza-se, e em breve, escalando as muralhas, surgem os subúrbios. É então, a partir do século XI, o período de grande atividade urbana. (PERNOUD, 1997, p.47).

A autora salienta que na cidade dois aspectos econômicos, o ofício e o comércio, que eram considerados secundários, passam a ter importância primordial. Foram, então, esses homens que, por meio do aprimoramento de suas habilidades, impulsionaram a vida urbana.

Todavia, Guizot (2005) salienta que a paz e a segurança ainda não existiam por completo nas comunas.

Quando cada um estava quase estabelecido, quando era necessário renunciar à vagabundagem conquistadora, não cessaram a avidez, as necessidades grosseiras e a violência dos desejos. O domínio dos vencedores recaiu sobre as pessoas que estavam próximas, à mão, por assim dizer, dos poderosos do mundo, sobre as cidades. (GUIZOT, 2005, p. 36).

No século XI, os senhores feudais dobraram as extorsões sobre os moradores dos burgos e o comércio não era muito seguro. Os senhores e seus homens cercavam as rotas e

perseguiram os mercadores, deixando os homens exacerbados com essa atitude, pois roubavam o produto adquirido com seu trabalho.

Le Goff (1991) também apresenta essa questão, ao destacar a primeira fase do mercador medieval, que é itinerante e se depara com muitas dificuldades para transportar sua mercadoria. Enfrentavam obstáculos naturais, insegurança, altas taxas cobradas pelos senhores e ainda enfrentavam as montanhas e estradas precárias.

Diante dessas dificuldades, os mercadores preferiam as vias aquáticas. O transporte por mar proporcionou a riqueza dos grandes mercadores. No entanto, as dificuldades ainda eram muitas. Havia risco de naufrágios, pirataria, a pequena capacidade dos barcos, enfim, a demora da navegação. Porém, era infinitamente mais barato do que por terra.

Mesmo diante de todas essas dificuldades, as cidades encontravam-se mais fortes, importantes e ricas, despertando, assim, a ambição dos senhores. A partir de então, os burgueses precisavam defender seus interesses.

Thierry (2005) destaca que os cidadãos se comprometiam por meio de um juramento, a defesa mútua de seus habitantes e da cidade, tornando-se responsáveis por esse espaço, onde habitavam.

Lá eles prestavam, sobre as coisas sagradas, o juramento de socorrerem uns aos outros, de absolutamente não permitir que quem quer que fosse cometesse injustiça a um deles ou os tratasse daquele momento em diante como servos. Era esse juramento, ou esta conjuração, como exprimiam os antigos documentos, que dava nascimento à comuna. (THIERRY, 2005, p. 56).

Após esse juramento, os habitantes passavam a ter o título de *communiers* ou de jurados, e assim, internalizavam a ideia de dever e fidelidade mútua para com os que moravam na comuna, ou seja, a defesa do bem comum a todos os habitantes.

Como afirma Aristóteles (1985), a vida em sociedade não pode ser vivida individualmente, sendo necessária uma coletividade e regras gerais para que as pessoas possam conviver umas com as outras. Essa máxima fica evidente na cidade medieval, pois nesse novo espaço geográfico as pessoas viviam lado a lado e esta proximidade se opunha a forma de vida isolada do campo/feudo.

Guizot (2005) afirma que a libertação das comunas ocorreu por meio de uma insurreição no século XI, ou seja, uma guerra declarada pelas pessoas que viviam nas cidades contra seus senhores.

O primeiro fato que encontramos sempre em tais histórias é o recrutamento dos burgueses que se armaram de tudo aquilo que se encontrava a mão; a expulsão dos representantes do senhor que vinham exercer alguma extorsão; uma empresa contra o castelo; todas elas características de uma guerra. (GUIZOT, 2005, p. 38).

Eles lutaram para viverem em paz e poderem dirigir os negócios da cidade, essa liberdade significava a conquista de direitos para que pudessem reger a vida no interior das comunas. Foi esse movimento que culminou na emancipação das cidades.

De acordo com Guizot (2005) a 'guerra foi geral', aconteceu em todas as comunas, pois, todas viviam expostas aos mesmos perigos. Entretanto, não houve uma comunicação entre elas, à insurreição foi um movimento espontâneo, particular e local. Tudo aconteceu na localidade de cada uma, ou seja, a ideia de um princípio geral, o bem comum, ficou restrita ao grupo de cada comuna.

Quando essa guerra já durava certo tempo, era necessário trazer a paz e as cartas comunais foram 'Tratados' entre os burgueses e o seu senhor para proporcionar a tranquilidade. No entanto, elas não garantiram totalmente a paz, pois na primeira oportunidade, as cartas eram violadas e desrespeitadas. A realeza também influenciou na alternância dessas guerras, estando ora do lado dos senhores, ora do lado das comunas.

A condição vivenciada pelas comunas em todo desenvolvimento somente foi adquirido por meio da força e seu governo foi regulado pelos reis. No entanto, quando as lutas em busca da liberdade tornaram-se um impulso social, os reis em busca de algum proveito material assinavam as cartas senhoriais e reais.

Oliveira (2012) ressalta que a liberdade das comunas, dizia respeito apenas aos ofícios e atitudes de seus habitantes, pois, muitas vezes, elas estavam enraizadas a um feudo, daí a relação de dependência externa aos senhores feudais, o que implicava o pagamento de impostos após adquirem a carta de liberdade, como destaca Thierry (2005) na carta XIII:

Eu, Henri, conde de Troais, faço saber a todos os presentes e aos que virão que [...] entre os aterros das pontes de Pugny: todo homem domiciliado na dita cidade pagará, cada ano, doze dinheiros e uma mina (mine) de aveia pelo preço do domicílio; e se, quiser ter uma porção de terra ou de pasto, ele dará por arpeno quatro dinheiros de renda. As casas, vinhas e pastos poderão ser vendidos ou alienados à vontade do adquirente. Os homens residentes na dita cidade não irão nem ao exército (ost), nem a nenhuma campanha de guerra (chevauchée), se eu próprio não estiver no comando. Quero conceder além disso, direito de ter seis échevins que administrarão os negócios comuns da cidade e, assistirão meu preboste em seus tribunais. Eu determinei que nenhum senhor, cavaleiro ou outro, poderia tirar fora da cidade nenhum novo habitante, por qualquer razão que fosse, a não ser que este último fosse homem de sua corporação ou tivesse uma dívida atrasada de talha para lhe pagar. Feito em Provins, o ano da Encarnação 1175. (THIERRY, 2005, p.62-63).

Este excerto reproduz as disposições de um nobre, dono de terras de uma cidade, que determinava a relação entre ele e os moradores das comunas, deixando claro que a liberdade adquirida por eles estava restrita aos seus afazeres e atitudes, pois o senhor feudal era quem comandava as relações externas às suas atividades.

De acordo com Thierry (2005), as comunas mais livres foram às instituídas com muito trabalho e sacrifícios, as quais possuíam a liberdade como dádiva, concedida sem esforços e conservada sem contestações, “[...] Toulouse tinha os reis por aliados, mantinha um exército e exercia todos os direitos de soberania, até a reunião de servos e de vagabundos aos quais os reis e os senhores abriam asilo em suas terras.” (THIERRY, 2005, p. 62).

Mesmo diante dessa situação de lutas e embates, as comunas conseguiram emancipar-se. A princípio, a situação dos burgueses no interior da sociedade não mudou muito, permanecendo nos limites do feudo. No entanto, com a emancipação das comunas estava surgindo um novo segmento social.

Nenhuma coalizão existira entre os burgueses; não tinha, como classe, nenhuma existência pública e comum. Mas o país estava coberto de homens comprometidos com a mesma situação, tendo os mesmos interesses, os mesmos costumes, entre os quais não podia deixar de nascer, pouco a pouco, certo vínculo, certa unidade que devia gerar a burguesia. A formação de uma grande classe social, da burguesia, era o resultado necessário da emancipação local dos burgueses. (GUIZOT, 2005, p. 40-41).

No século XII esse segmento social compreendia os mercadores e pequenos proprietários que passaram a viver na cidade, ou seja, burgueses eram os moradores da comuna. Já no século XVIII ela compreendia uma classe social.

Guizot (2005) nos mostra que a burguesia se formou de maneira contínua e com elementos variados. No século XII, ela não teve muita importância para o Estado. Daí a necessidade de acompanhar o seu nascimento sucessivo para entender as mudanças de sua ‘fortuna e poder’.

Guizot (2005) observa que os burgueses da Idade Média não tinham espírito político, eram tímidos, não exerciam fora de sua cidade e sobre o Estado, em geral, nenhuma grande influência.

[...] vê-se a burguesia estimada, considerada, tratada com atenção, respeitada mesmo, mas raramente temida; raramente produziu sobre seus adversários a impressão de uma grande e orgulhosa força, de uma força verdadeiramente política. (GUIZOT, 2005, p.44).

Desta forma, o autor afirma que o espírito político e a necessidade de participar nos negócios do país são frutos da civilização moderna. Eles sempre lutaram por seus interesses locais, para manter suas empresas “[...] sua vida era quase tão agitada, tão guerreira, tão dura quanto à dos senhores que combatiam”. (GUIZOT, 2005, p. 45).

Neste sentido, podemos pensar a respeito da vida que os cavaleiros de Chrétien levavam no reino do rei Artur, pois, a partir do momento em que a guerra ficou em segundo plano, eles puderam se dedicar às festas, aos torneios e venerar as mulheres.

Em *Eric e Enide*, Chrétien inicia o romance relatando como era sua corte e a caça do Cervo Branco, um costume do rei Artur.

No dia de Páscoa, no novo tempo, o rei Artur reuniu a corte em seu castelo de Cardigan. Homem jamais vira corte tão rica, com tantos bons cavaleiros, ousados, corajosos e altaneiros, tantas nobres damas e damizelas filhas de reis. Antes de despedir a assembléia, o rei anunciou que queria caçar o Cervo Branco, para reviver o costume. (TROYES, 1991, p.33).

No romance *Lancelot, o cavaleiro da charrete*, o qual Chrétien escreveu a pedido da condessa Marie de Champagne, ele também começa relatando uma festa:

Por volta da festa da Ascensão, Artur reuniu a corte magnífica que a um rei cabe ter. Após comerem, não deixou seus companheiros. Havia grande número de barões.com eles estavam à rainha e também muitas belas damas cortesões, falando bem a língua francesa. (TROYES, 1991, p.125).

Podemos observar que a vida na cidade não era a mesma do romance, pois, como afirma Guizot (2005), eles tinham uma vida muito agitada para manter seus interesses locais e seus comércios.

Outra questão a ser destacada nos romances de Chrétien é o amor. No romance *Eric e Enide*, Eric devota todo seu amor a Enide que chega até abandonar suas armas.

Eric com tanto amor a esposa amava que não mais das armas se ocupava nem em torneiro lutava. De justar já não cuidava, mas apenas de fazer a corte à sua mulher, que era sua amiga e seu mimo. Todo o coração e o pensar estavam em abraçar e beijar, sem ter prazer em qualquer outra cousa. (TROYES, 1991, p. 49).

Chrétien crítica Eric por afastar de suas obrigações e dedicar-se apenas a sua amada.

No romance *Lancelot, o cavaleiro da charrete*, o amor também é exaltado com muita intensidade, a ponto de Lancelot pôr em risco sua dignidade e fidelidade ao rei Artur, por amor à rainha Guinevere.

Se é verdade que a rainha amou Lancelot com amor ardente, ele a amou mil e mil vezes mais, pois seguramente amor desertou todos os outros corações para cumular a tal ponto o de Lancelot. Sim, nesse coração amor encontrou todo seu ardor, e se empobreceu em outros corações. (TROYES, 1991, p. 174).

Vemos que o amor é sempre destacado com muita importância em todos os *Romances da Távola Redonda*, mas a dedicação e as obrigações devem ser conciliadas.

De acordo com Oliveira (2012), no ressurgimento das cidades, o amor é muito importante para essa nova sociedade, pois agora eles estão vivendo próximos uns dos outros e

os interesses passam a ser coletivos, diferentemente dos feudos, onde os interesses eram individuais. A sociedade precisava ter o sentimento de pertencimento para conviverem juntos e lutarem pelos interesses comuns ao grupo.

Cabe ressaltar que o romance destaca o amor cortês, no qual o homem dedica-se a mulher. Sendo que para a convivência dos cidadãos o amor diz respeito à convivência e proteção de todos os habitantes.

Para Guizot (2005), as consequências sociais ou morais das comunas não tinham se desenvolvido totalmente no século XII, mas puderam ser verificadas nos séculos posteriores. Todavia, é certo que o germe dessas consequências estava na origem da situação das comunas, na sua emancipação e nos lugares que os burgueses ocuparam na sociedade.

Portanto, estes autores nos apresentaram como aquela nova sociedade estava vivendo naquele período. Troyes é um autor que viveu no tempo analisado, Guizot, Le Goff e Duby são intérpretes da história.

4. AS MUDANÇAS COMPORTAMENTAIS E O PROCESSO EDUCATIVO

Nos séculos XI e XII o aperfeiçoamento das técnicas e a mudança comportamental dos nobres proporcionou aos artesãos um aprimoramento de seus ofícios e a oportunidade de novas relações sociais que culminou no renascimento das cidades e do comércio. Assim, essa sociedade passou por transformações sociais que permitiu aos homens novas ações e novos comportamentos.

Neste sentido, podemos pensar na sociedade contemporânea, a qual está passando por um momento de transformação social, devido à inserção das novas tecnologias no mercado.

Esse fato acabou favorecendo para uma mudança comportamental dos alunos, pois eles têm acesso a muitas informações, o que acabou tornando a escola desinteressante para muitos deles, visto que, essa instituição mantém a mesma estrutura do século XIX: sala de aula, quadro e giz e, quando a escola dispõe de uma sala de informática com vários computadores, falta formação para os professores utilizarem esses recursos como meios para a mediação do conhecimento.

Kenski (2003) destaca que não se trata do professor substituir o quadro, o giz e o material didático, mas sim, saber utilizar as novas tecnologias de comunicação e informação,

conhecer suas especificidades, possibilidades e limites para adequá-las de acordo com o tema e as necessidades de ensino para os alunos.

Neste sentido, Cardoso (1999) destaca a importância da educação em interação com a tecnologia, para conciliar o desenvolvimento tecnológico com o social, não perdendo de vista que a tecnologia deve servir ao homem. Assim, essa educação deve promover uma integração entre tecnologia e humanismo, visando à formação integral do indivíduo.

A educação tecnológica deve educar o ser humano, diante da crescente interação com a máquina, tendo a tecnologia como meio e não um fim, pois as informações acontecem de forma muito rápida. Sendo a escola o local responsável pela mediação do conhecimento científico e não apenas de informações.

Para tanto, é preciso levar o aluno a compreender a sociedade contemporânea, onde ele está inserido, pois tudo acontece em um processo histórico.

A sociedade tecnológica na qual vivemos tem uma história que precisa ser conhecida para se avaliar melhor a dimensão que a tecnologia assume na atualidade, mas principalmente os limites, se os deve haver, para essa interação. Pensar então no preparo do ser humano para a vida, desenvolvendo a sua capacidade adaptativa, mas também criadora, parece ser um caminho mais adequado ao processo que estamos vivendo. (CARDOSO, 1999, p.220).

Desta forma, é muito importante não perder o foco social e histórico, ou seja, formar um cidadão não apenas preparado para exercer uma técnica, mas que pense no mundo a sua volta e que compreenda a influência de suas ações na sociedade. Assim, a educação tecnológica se diferencia do ensino técnico e profissionalizante porque leva em conta a história.

Portanto, da mesma forma como os artesãos precisaram desenvolver suas técnicas para atender as mudanças comportamentais dos senhores feudais, a escola precisa se adequar as novas tecnologias para formar o novo cidadão de acordo com as exigências da sociedade contemporânea.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer de nosso estudo sobre a formação do burguês buscamos relacionar os fatos históricos do século XII e as questões evidenciadas no romance, procurando compreender os novos hábitos naquela sociedade que favoreceram o renascimento das cidades e a mudança de comportamento daqueles homens.

Constatamos que a mudança de vida dos senhores feudais aconteceu no momento em que eles tiveram condições de irem morar em castelos, surgindo à preocupação com o modo de se apresentarem na sociedade. Assim, começaram as exigências para com os seus servos por produtos luxuosos e de maior requinte, o que lhes permitiu a oportunidade de novas relações sociais, pois era preciso fazer trocas para a aquisição dos produtos e à medida que procuravam criar novos produtos foram se tornando cada vez mais hábeis em seus ofícios. Para tanto, era necessário um comércio para atender essas exigências, esse foi um dos motivos que favoreceu o restabelecimento do comércio e do artesanato nas cidades localizadas sob seus domínios.

Essas questões foram evidenciadas nos *Romances da Távola Redonda*. Os cavaleiros são sempre descritos com uma postura admirável e sempre vestidos com as mais finas roupas, as damas sempre com ornamentos de alto requinte e com vestimentas luxuosas.

Assim, destacamos a importância do artesanato e do comércio, pois, foi por intermédio deles que os nobres do século XI e XII tiveram a oportunidade de se vestirem com mais fineza e adquirirem objetos mais elaborados.

Nossa sociedade contemporânea, também, está passando por uma transformação social que ocasionou mudanças comportamentais. A escola está sendo cobrada para atender a esse novo momento, pois na visão de muitos pesquisadores, ela já não está mais atendendo as questões de nosso tempo.

Outra questão importante destacada no romance é o amor, mas Troyes ressalta que os cavaleiros não podem esquecer-se de suas obrigações, eles devem conciliá-las com a dedicação.

No ressurgimento das cidades o amor é muito importante para essa nova sociedade, pois agora eles estão vivendo próximos uns dos outros e os interesses passam a ser coletivos, diferentemente dos feudos, onde os interesses eram individuais.

Cabe ressaltar que o romance destaca o amor cortês, no qual o homem dedica-se à mulher. Mas, para a convivência dos cidadãos, o amor diz respeito à convivência e proteção

de todos os habitantes. Desta forma, estudamos por meio desses autores como aquela sociedade medieval estava organizada naquele período e os motivos que levaram as mudanças comportamentais dos nobres.

Portanto, aprendemos com essas fontes como ocorreram às transformações sociais naquela sociedade e os fatores que proporcionaram o ressurgimento das cidades e por consequência do comércio.

Constatamos a importância desta pesquisa para refletirmos sobre os homens e a constituição de novos hábitos e valores daquela sociedade, bem como, sobre nossa sociedade que está vivenciando um momento de transformação, a qual está implicando em mudanças comportamentais.

Sendo assim, o estudo em História da Educação Medieval é muito importante para compreender as transformações que a humanidade transpôs no decorrer dos períodos históricos, pois, como afirmava Pedro de Blois “Não se passa das trevas da ignorância para a luz da ciência”. (LE GOFF, 1995, p. 23), ou seja, tudo ocorre em um processo de transformação.

6. REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **POLÍTICA**. Tradução de Mario da Gama Cury. Brasília: UNB, 1985.

BLOCH, M. **Apologia da história**, ou, O ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CARDOSO, T. F. L. Sociedade e desenvolvimento tecnológico: uma abordagem histórica. In: GRINSPUN, M. P. S. Z. (org.). **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 1999, p. 183 – 226.

DUBY, G. **História da vida privada: da Europa feudal à renascença**. São Paulo: companhia das letras, 1990.

GUIZOT, F. Quarta lição. In:_____. **História da civilização na Europa**. Lisboa: Parceria Antônio Maria, 1907.

GUIZOT, F. Sétima lição. In: MENDES, C. M. M.; OLIVEIRA, T (Orgs.). **Formação do terceiro estado: as comunas**. Maringá: Eduem, 2005, p. 27-48.

KENSKI, V. M. Novas tecnologias na educação presencial e a distância. In: ALVES, S. L.; NOVA, C. **Educação a distância**: uma nova concepção de aprendizado e interatividade. São Paulo: Futura, 2003, p. 25-42.

LE GOFF, J. **Mercadores e banqueiros na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LE GOFF, J. **Os intelectuais na Idade Média**. São Paulo: Brasiliense, 1995, p.20-58.

OLIVEIRA, T. **Guizot e a idade média**: civilização e lutas políticas. Assis: UNESP, 1997. (tese de doutorado).

OLIVEIRA, T. **Universidade, liberdade e política na comuna medieval**: um estudo de cartas oficiais. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/his/v28n2/25.pdf>>. Acesso em: fev. de 2012.

PERNOUD, R. **Luz sobre a Idade Média**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.

THIERRY, A. Carta XIII. Sobre a libertação das comunas. In: MENDES; OLIVEIRA, T. (Orgs.). **Formação do terceiro estado**: as comunas. Maringá: Eduem, 2005.p. 51 – 63.

THIERRY, A. Sobre a libertação das comunas. In: MENDES C. M. M.; OLIVEIRA, T.(Orgs.). **Formação do terceiro estado**: as comunas. Maringá: Eduem, 2005, p. 72 – 77.

TROYES, C. **Romances da tábola redonda**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.